

UMA GOMORRA SUBMERSA (FIALHO DE ALMEIDA EM DIÁLOGO COM A PROSA DE FICÇÃO PORTUGUESA NO SÉCULO XIX)

Sérgio Nazar David (UERJ)

Começo por referir-me ao título que escolhi para este breve escrito, “Uma Gomorra submersa”. Retirei-o de um passo invulgar, do conto “Três cadáveres” (que integra o livro *O país das uvas*, de Fialho de Almeida, de 1893), em que João da Graça, o protagonista, sonha que conseguira num cemitério meter-se pelo carneiro de um jazigo, e vê assim uma “Gomorra submersa”, uma humanidade em destroços em cada cripta, em cada mausoléu...

O conto narra as desventuras de uma moça (Marta) que se lança ao mundo por amor de um carpinteiro. “Teve namoros”, “mas pobre como era, nenhum casara”, o que termina por trazer-lhe “grandes decepções” (ALMEIDA: 1973, p. 186). Findo o romance, tenta voltar à casa paterna, mas o velho pai repele-a, atira-a para fora. O irmão, Miguel, a acompanha então... Começam as primeiras hemoptises, as primeiras febres e suores debilitantes. Dominada pela doença, cresce em Marta o desejo de ser perdoada pelo pai: “o martírio lhe disciplinara as primaveras da carne”, e “o arrependimento lhe estava virginalizando o espírito” (ALMEIDA: 1973, p. 190).

Marta é hospitalizada. É quando trava contato com um jovem estudante de medicina, João da Graça, um tímido alentejano, que por ela se apaixona. Ama-a “sem desejo”, à medida que “a terrível hora aproxima-se” (ALMEIDA: 1973, p. 192). Ama-a mesmo diante dos prenúncios da “pavorosíssima noite, sem alvorada nem lua, de que a religião debalde tenta esclarecer os lameiros, com a lanterna duma quimérica imortalidade” (ALMEIDA: 1973, p. 192).

Marta morre e é velada num caixão alugado à loja de Izaquiel, o carpinteiro que fora “a sua paixão séria, única” (ALMEIDA: 1973, 186). Izaquiel compreende ao seu modo a situação: “João da Graça tinha sido o último... eh! eh! o que apanhara o peixe seco, o que tinha pago a despesa no fim dos mais terem comido... E um estudante, um doutor! Enquanto ele, Izaquiel, se podia gabar de ter sido a primeira paixão dela, a sua loucura, e o seu único motivo de perdição!” (ALMEIDA: 1973, p. 203)

João da Graça expulsa Izaquiel da sala, veste o cadáver de Marta, leva-o ao cemitério numa tarde chuvosa, e “no seu fundo de sonho romântico” vê-se compelido a

acreditar “que a podridão não fosse um término, tanto o desfecho da vida lhe pareceu injusto e inexplicável” (ALMEIDA: 1973, p. 210) Agarra-se à religião, “não por fé, mas por miséria” (ALMEIDA: 1973, p. 210) Entretanto, o pesadelo do *au-delà* dando vida à morte, fá-lo tremer. Se se agarrasse à medicina, afinal, e à ciência, também aqui não estava seguro. João da Graça perguntava-se “se as afirmativas da ciência não eram mentirosas” (ALMEIDA: 1973, p. 210). “Na noite seguinte ao enterro, como a chuva cessasse, um vento frígido soprou sobre a cidade, e João da Graça no quarto corria os dedos sobre o piano, como se quisesse acordar em música o eco das amarguras que o minavam.” (ALMEIDA: 1973, p. 211) Vejam: “acordar”, “acordar em música”, acordar, reviver, repetir, repisar um sofrimento do qual... retira algum prazer. “O espírito de João da Graça”, cito, “abria-se em acuidades dolorosas, em pessimismos negros: parecia-lhe a vida uma catástrofe que desfecha alfin sob as pisadas do coveiro, e a cujas responsabilidades se foge, ou pelo vício, ou pelo álcool.” (ALMEIDA: 1973, p. 212)

Fialho aqui aponta para algo que o primeiro Eça, o Eça de *O primo Basílio* e de *O crime do padre Amaro*, tenta encobrir sob as promessas de uma educação, de uma regeneração social. É evidente que estes primeiros romances de Eça não podem ser reduzidos à aposta que ali se faz no que Ana Luísa Vilela chama, com percepção aguda, de “eros positivista”: uma tentativa de reduzir a sexualidade e a própria felicidade do homem à conjugalidade (VILELA: 2000, p. 277-291). Neste primeiro Eça, a educação não forma soberanamente a consciência (embora devesse fazê-lo), e a “literaturinha acéfala” (QUEIRÓS, s./d., p. 559) romântica termina por arrastar o homem à bestialidade.

Com o tempo, Eça vai caminhando para uma visão mais complexa do homem, sobretudo a partir d’ *Os Maias*. Parece mesmo ter incorporado algo da crítica de Machado de Assis, de 1878., e põe já sob cada personagem a responsabilidade sobre muito do que lhe ocorre. Machado registrara: “Releiam; lá [n’ *O primo Basílio*] verão que, depois de analisar o caráter de Luísa, de mostrar que ela vai sem repulsa nem vontade, que nenhum amor nem ódio a abala, que o adultério é ali uma simples aventura passageira (...)” (ASSIS: 1959, p. 919).

Em *Os Maias*, a educação já não pode formar completamente, e a sociedade já não tem todo este poder para arrastar os homens aos atos que então seriam praticados sem qualquer motivação interior. Eça coloca Carlos da Maia, ao final do romance, entre a desistência e um certo romantismo, ao qual não consegue renunciar completamente.

Do mesmo modo, põe Jacinto e Ramires numa aceitação da vida e de Portugal tal qual são ou tal qual lhe parecem, algo que já não é reformismo, mas que também não mereceria a designação de conformismo. Talvez pudéssemos chamar de “uma aceitação inquieta” da vida despida já de tantas ilusões.

Fialho, entretanto, propõe algo no mínimo curioso num comentário do narrador, logo em seguida ao enterro de Marta: “ Um terço da gente viva (...) fazia o assalto da vida sem escrúpulo de armas no combate, nem moral certa nos planos de campanha. (...) o caçador mais forte era quase sempre também o mais culpado. E em plena chacina dessa luta de feras e de bestas, que é a vida, João da Graça via rastejar na sombra o formigueiro dos tristes, dos inermes, dos vencidos, filhos sem pai, mulheres sem esposo certo, famílias sem abrigo, toda uma legião sagrada e vil dos que se deixam ludibriar por uma espécie de fatalidade zoológica, inquebrantável...” (ALMEIDA: 1973, p. 212-213) Mas há aqui uma tremenda incoerência: se o caçador mais forte era o mais culpado (sim, culpado pelo que faz e pratica) então não estamos mais diante de uma “fatalidade zoológica”. Afinal, entre os animais não há culpa. Gostaria de assinalar aqui o aspecto conflitivo do próprio discurso do narrador.

E é então que João da Graça, “adormecido (...) sob impressões de mágoa tão profunda” (ALMEIDA: 1973, p. 213), tem um pesadelo, uma “visão duma Gomorra submersa” (ALMEIDA: 1973, p. 214). Chego aqui, então, ao ponto central desta comunicação. No pesadelo, ele conseguira meter-se pelo carneiro de um jazigo e ir às catacumbas dum cemitério, a necrópole! Ali, sob a terra, continuariam “em osso os adultérios, as intrigas, as idiossincrasias, as labutas...” (ALMEIDA: 1973, p. 214). Nos prostíbulos, nos palácios, restos de bêbados seguiam com as alucinações do absinto e do aguardente. Já os grandes túmulos tinham festa, conversação galante, toaletes de corte e de salão. “E por toda a banda João da Graça sentia o mesmo: os vícios e vesânicas terrenas prosseguindo na morte (...)” (ALMEIDA: 1973, p. 215).

Muito tempo depois, também o caixão do pai de Marta, de aluguel, é também da loja de Izaquiel, que também acaba, mais adiante, tendo o seu óbito verificado por João da Graça. O caixão de aluguel, que recolhera Marta e o pai ao túmulo, é o mesmo que agora leva Izaquiel. As mesmas tábuas de pinho despejam na terra “com a mesma indiferença, uma após a outra” “os destroços das três criaturas”, “sem indagar se estariam bem mortas as paixões que tanto tempo as haviam unido e separado” (ALMEIDA: 1973, p. 218). Estão todos enlaçados: o amante (Izaquiel), que se acreditava a salvo nas malhas dos prazeres do corpo (mas não está); Marta, que não

pôde tomar um novo amor e refazer a sua vida (porque está marcada); e o pai de Marta, que, com sua recusa pura e simples em aceitá-la de volta (já que ela não atende ao seu ideal de virtude), não apaga o que está feito. Aqui não há reparação possível. E se a filha está mortificada na desonra, o pai está humilhado na impotência diante dos acontecimentos. Cabe perguntar, então, se isto se daria num lar burguês, adornado de elegâncias... Sim, poderia acontecer. Mas Fialho talvez queira mostrar que a miséria retira dos homens a possibilidade, se não de vencer os vícios, pelo menos de torná-lo mais aceitável socialmente.

E por que tudo isto marca tanto o jovem doutor João da Graça? Vejamos... Fialho aponta aqui para um sofrimento sem fim, para algo que nem a morte seria capaz de limitar. As lentes de aumento têm o poder de problematizar os afetos que uniram pai, filha e amante; e colocar um ponto de interrogação nas circunstâncias que os haviam separado e unido, superpondo-as nas tábuas do mesmo caixão, e na cadeia significativa “três cadáveres”. Se no conto de Fialho, mesmo numa alucinação, os mortos podem estar vivos (numa Gomorra submersa), os vivos também podem estar mortos, mortos num mundo de miséria, de culpa e de renúncia. Três cadáveres também em vida – era o que tinham sido. E talvez este seja o lugar no qual João da Graça se vê. Mas ficam as perguntas: fora agraciado com isto? Ou tem alguma responsabilidade pelo que lhe ocorre? Encontrou Marta por casualidade? Ou será que ela caíra-lhe com a mão na luva?

A ficção do século XIX vai mostrando que é preciso bem aconselhar, educar, formar o homem. Mas mesmo assim as pulsões resistem. Talvez seja porque, dizem, a Consciência não foi ou não tem sido adequadamente formada. A todo momento o que está no horizonte é a renúncia ao desejo de um lado (Georgina, por exemplo, em *Viagens na minha terra*) ou o entregar-se ao bem-estar do corpo (Carlos é aqui outro exemplo, de *Viagens* também) como uma espécie de desistência moral.

Fialho levará esta equação ao extremo, a um ponto sem saída, já que na vida e na morte (mesmo que num sonho) todos estariam reféns de algum modo. E faz algo mais: descortina ao leitor a morte. Mas, se a morte é aqui uma duplicação da vida, é também por uma estranha ironia um mundo, o dos afetos, ao qual nada pôde dar fim. Fialho rasga a mentira do realismo-naturalismo que acenou com a regeneração do homem caso este fosse capaz de recuar diante do vício e do crime. Para Fialho recuar é impossível. Nas etiquetas “vício” e “crime” devemos ler “desejo”. É só lendo pelo negativo que poderemos ver o que Fialho não pôde ou não conseguiu (bem) dizer.

Mas Fialho rasga também a mentira romântica, que induzia a uma aceitação passiva na esperança dos tesouros celestes. Lembro aqui de tantas narrativas do século XIX em cujas páginas finais lemos as promessas de união no céu, desde que o sofrimento em vida fosse aceito com resignação, ou com o heroísmo dos que lutam para morrer. A morte nestes casos aqui deferidos, do conto “Três cadáveres”, pouco tem de redenção. Certo. Mas tem, por outro lado, um estatuto ambíguo, na medida em que o sonho marca um limite de não-saber. O médico, João da Graça, que representa o saber de ponta da época, lavra o atestado de óbito, mas algo limita o seu saber. Portanto, para além deste ponto ele só pode avançar sonhando. E nós, leitores, com ele, com uma sombra de suspeita sobre o que nos é mostrado.

Já no século XX, Stefan Zweig fez um triste balanço do século em que se criara e educara, o XIX, e dos romances e novelas que então se escreveram: “ Não nos deixemos (...) induzir em erro pelos romances e novelas sentimentais daquela época; foi para a mocidade uma época má, uma época que colocava as jovens sob a vigilância de uma família, hermeticamente isoladas da vida, coibidas em seu livre desenvolvimento físico e psíquico, que forçava os jovens a coisas clandestinas e falsidades ante uma moral em que, de fato, ninguém acreditava e que ninguém seguia.” (ZWEIG: 1942, p. 104)

Freud lerá esta equação ao contrário. Para Freud, não é (como de algum modo nos quis mostrar o primeiro Eça) o processo “formativo” que fracassa. São as pulsões que não podem ser completamente dominadas. Para Freud é exatamente o triunfo deste dito processo formativo — que visa retirar do homem o prazer de que ele necessita, alienando-o nos deveres ditados pela ciência e pela religião —, é por isto que o homem adocece. Fialho dá uma expressão dramática a este aspecto indestrutível do desejo no homem (que nenhuma moral pode anular, mas pode acrescentar-lhe sofrimento).

A literatura do século XIX culpou o mundo e as máquinas, o progresso e a escravidão do homem pelo homem. Freud sustentará, a meu ver com grande dose de acerto, que o mal-estar (sofrimento) é em primeiro lugar estrutural, isto é, estrutura subjetivamente o homem, e, embora possa ser contornado, não tem como ser abolido. Mais: que o trabalho supostamente educativo daquele mundo — educativo e, diziam, civilizatório — em que nascera e crescera mais agrava do que dilui o mal-estar. (FREUD: 1987) Freud, para contrapor-se aos moralistas do século XIX, narra uma anedota alemã antiga, na última das conferências pronunciadas nos Estados Unidos, reunidas em livro em 1910, subordinadas ao título *Cinco lições de psicanálise*: “A

literatura alemã conhece um vilarejo chamado Schilda, de cujos habitantes se contam todas as espertezas possíveis. Dizem que possuíam eles um cavalo com cuja força e trabalho estavam satisfeitos. Uma só coisa lamentavam: consumia aveia demais e esta era cara. Resolveram tirá-lo pouco a pouco desse mau costume, diminuindo a ração de grãos diariamente, até acostumá-lo à abstinência completa. Durante certo tempo tudo correu magnificamente; o cavalo já estava comendo apenas um grãozinho e no dia seguinte devia finalmente trabalhar sem alimento algum. No outro dia amanheceu morto o pérfido animal; e os cidadãos de Schilda não sabiam explicar por quê.” “Nós nos inclinaremos a crer”, arremata Freud, “que o cavalo morreu de fome e que sem certa ração de aveia não podemos esperar em geral trabalho de animal algum.” (FREUD: 1997, p. 60-61)

O que Freud indicava, quando trouxe esta anedota aos seus ouvintes, nesta conferência de 1909, era que a busca pelo prazer fazia com que de algum modo o homem — se não quer morrer como o cavalo da anedota — não se submetesse completamente àquela disciplina cruel (embora também tantas vezes flexível e hipócrita). Mais tarde, quando escrever o livro *Além do princípio do prazer* (em 1920), descobrirá que há também uma força que empurra o homem a extrair prazer do desprazer. Talvez esta idéia, hoje já tão difundida, nos ajude a compreender alguns dos subterfúgios usados por personagens dos romances do século XIX para aceitarem, embora nem sempre humildemente, uma vida de servidão. É o caso de Teodoro, de *O Mandarin*, de Eça (1880). Sim, aceitam, permitam que lhes diga, não por razões estéticas, mas porque naquele mundo era preciso ensinar que o sofrimento redime. Este argumento quase nunca é suficiente para acomodar homens e mulheres às posições de vítimas e de reféns. Era preciso, então, lembrar-lhes sorratoriamente que quem vive vida de escravo retira disto, sempre, algum proveito, mesmo que secundário.

O conto “Três cadáveres” mostra-nos isto: homens e mulheres vitimados por uma certa posição subjetiva diante da vida, mas também vencidos por um mundo cruel de elegância que parece outorgar-lhes apenas o lugar de resto. Neste sentido, esta história que se passa “em algum desses maus bairros [de Lisboa], donde o sol se retira apenas nasce, e de cujos prédios sua ainda agora a imundície das judiarias medievais” (ALMEIDA: 1973, p. 185) guarda viva relação com as salas e os salões da burguesia, onde o vício não era menor, mas os remédios sim estavam à mão...

Fialho de Almeida teve um modo muito próprio de revoltar-se contra o que havia de inaceitável nas mentiras do seu século.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALMEIDA, Fialho de. *O país das uvas*. São Paulo: Editora Três, 1973. [1ª edição: 1893]

ASSIS, Machado de. Eça de Queirós: O primo Basílio. Rio de Janeiro, Editora José Aguillar, 1959. [As duas crônicas são de 16 e 30 de abril de 1878]

FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XXI. O futuro de uma ilusão / O mal-estar na civilização / Outros Trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1987. [A 1ª. edição de *O mal-estar na civilização* é de 1930].

FREUD, Sigmund. *Cinco lições de psicanálise & Contribuições à psicologia do amor*. Rio de Janeiro: Imago, 1997. [1ª. edição de *Cinco lições de psicanálise* é de 1910]

FREUD, Sigmund. *Além do princípio de prazer*. Rio de Janeiro: Imago, 1998. [1ª. edição: 1920]

QUEIRÓS, Eça de. Carta a Teófilo Braga [12-3-1878]. In: *O primo Basílio*. Porto: Lello & Irmão, s./d., p. 557 – 561.

VILELA, Ana Luísa. Erotismo queirosiano. In: MATOS, A. Campos (org. e coord.) *Suplemento ao Dicionário de Eça de Queirós*. Lisboa: Caminho, 2000.

ZWEIG, Stefan. *O mundo que eu vi (minha memórias)*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1942. [1ª. edição: 1942]